VILA POUCA DE AGUIAR
(Tresminas)

A igreja de São Miguel de Tresminas situa-se na freguesia homónima, a sudeste da sede do concelho de Vila Pouca de Aguiar (distrito de Vila Real) do qual dista *circa* de 16 km. Saindo de Vila Pouca de Aguiar siga pela N2 em direção à R206. Cerca de 7 km depois continue pela CM1162. Depois de percorridos 9 km encontra a igreja à sua esquerda.

A região onde se localiza a igreja de São Miguel guarda importantes vestígios da ocupação romana. Segundo Armando Redentor "a área mineira de Tresminas e Campo de Jales é uma das mais extensas do Noroeste hispânico e, seguramente, a mais importante no interior do território bracaraugustano". O conjunto epigráfico relacionado com estas áreas de exploração mineira é de notável importância e prova que aquela exploração terá chegado aos inícios do século III.

A arqueologia testemunha, segundo Mário Barroca e António Cardoso Morais, "uma certa continuidade de povoamento desde a romanização até ao século XIII, altura em que se verifica a concessão maciça de cartas de foral, primeiro núcleo documental realmente significativo para esta zona". Muito embora não existam certezas sobre a continuidade da exploração de ouro ao longo da Idade Média, a verdade é que no reinado de D. Dinis é concedida uma autorização régia a Mem Martins, para abertura de minas de estanho em Tresminas, Jales e Monte Negro, como referem os autores supracitados.

Em 1320-21, com a quantia de 1500 libras, a igreja de Tresminas era a mais taxada de Trás-os-Montes, valor equivalente ao do importante mosteiro de Castro de Avelãs (Bragança). Esta circunstância denuncia indiretamente, na opinião de Mário Barroca, a permanência nos tempos medievais da exploração mineira aurífera.

A mais antiga referência documental sobre a paróquia de São Miguel de Tresminas (Transmiriz) remonta às Inquirições de 1220. Deste documento se conclui que metade da paróquia pertencia ao rei sendo, a outra metade, do arquidiácono Dom Garcia Martins. Data de 1213 uma carta de foral concedida por Garcia Martins e Rodrigo Rodrigues, entre outros, confirmada pelos reis D. Afonso II e Dona Urraca, aos homens do lugar de Campo, Termo de Jales. Neste documento explicita-se que Dom Garcia Martins era então arquidiácono e *abbas de ecclesiae sancti Michaelis de trasmiros*. Tresminas pertencia à Terra de Panóias, juntamente com outros dois aglomerados do atual concelho de Vila Pouca de Aguiar: Alfarela de Jales e Vreia de Jales.

A igreja de Tresminas está implantada a meia-encosta em local isolado, junto a um dos pequenos núcleos que constituem esta paróquia de *habitat* polinucleado, tipologia de ocupação frequente no território do atual concelho de Vila Pouca de Aguiar que, excetuando as paróquias de Tresminas, Alfarela de Jales e Vreia de Jales, integrava a Terra de Aguiar de Pena, cujo castelo conserva ainda hoje importantes vestígios datados entre os séculos XII e XV, como revelou a campanha arqueológica empreendida por Mário Barroca e António Cardoso Morais na década de 1980.

Igreja de São Miguel

A IGREJA DE SÃO MIGUEL DE TRESMINAS, construída em granito e aparelho pseudo-isódomo, é composta por uma nave e cabeceira retangular, mais baixa e estreita do que a nave, sendo as duas parcelas cobertas por tetos de madeira. A sul do primeiro tramo da cabeceira adossa-se uma sacristia construída em cimento cuja superfície simula, através da pintura das juntas, um aparelho em cantaria.

O alçado oriental do exterior da cabeceira, rematado superiormente por empena de duas águas, é de grande

simplicidade apresentando unicamente uma pequena e estreita fresta. No muro norte, onde se abre uma fresta, a cornija pouco profunda assenta sobre cachorros de secção quadrangular cuja morfologia é pouco habitual. Em vez de formarem uma peça autónoma, os cachorros apresentam uma parte superior saliente sob a qual foram esculpidas cabeças humanas, de animais e motivos geométricos, que se integram nos silhares do paramento. O alçado sul, parcialmente encoberto pela pequena sacristia, é composto por dois vãos de iluminação quadrangulares de época posterior à construção medieval. A parte superior do muro é rematada por cornija semelhante à do alçado norte da cabeceira. Os cachorros apresentam rolos e motivos geométricos, sendo a sua morfologia equivalente à dos cachorros da fachada norte.

No alçado norte da nave a cornija e os cachorros são em tudo semelhantes aos que coroam os muros laterais da cabeceira. Na parcela mais ocidental, junto à fachada principal, adossa-se um volume pétreo com degraus que dão acesso a um vão retangular pelo qual se acedia diretamente ao coro alto, removido na década de 1980. No lintel do vão está gravada a data de 1808. Construída a partir do referido volume pétreo, uma escada de degraus colocados perpendicularmente ao muro permite o acesso ao telhado e à sineira disposta sobre a fachada principal. Na fachada sul da nave abre-se um portal em arco quebrado. As aduelas, sem qualquer motivo escultórico assentam em impostas que dividem o arco das jambas, sendo a sua modinatura composta por dois listéis. Junto à cabeceira abre-se um vão de iluminação de arco abatido. Gravada num dos silhares desta fachada conserva-se a única epígrafe medieval desta igreja, cuja leitura da autoria de Mário Barroca se apresenta:

ERa Mª [...]

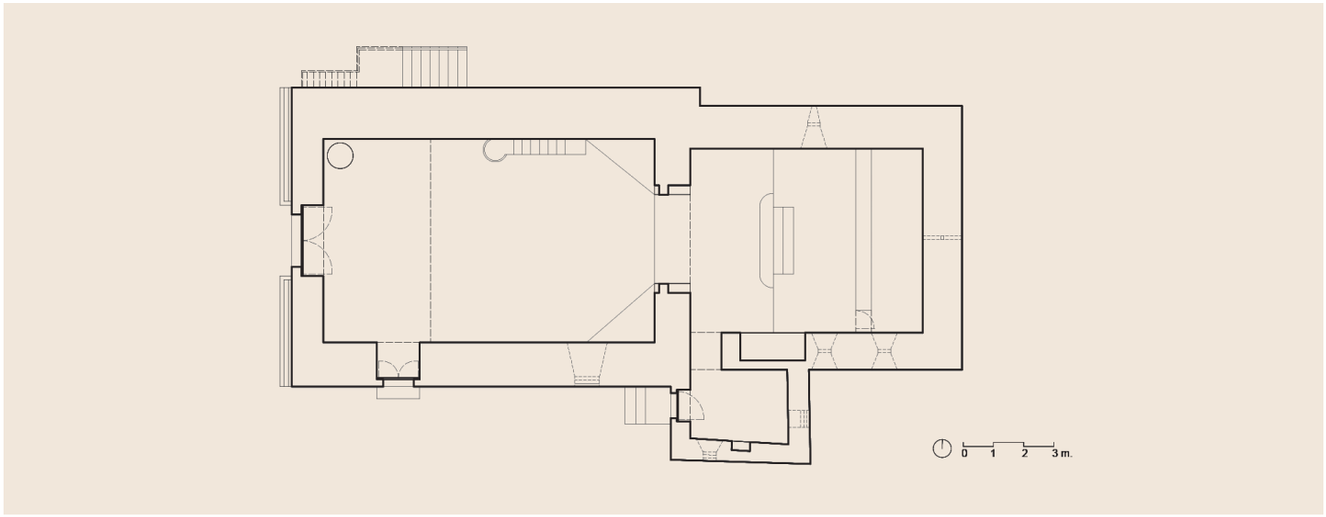
Segundo o autor da leitura, esta epígrafe pode ser de função funerária embora considere que poderá também comemorar a conclusão de alguma fase construtiva da igreja. Tendo em conta as características paleográficas da inscrição, Mário Barroca propõe uma datação na segunda metade do século XIII.

A fachada ocidental assenta sobre um embasamento escalonado. O portal, em arco quebrado, tem uma organização semelhante à do portal sul. Na arquivolta, a esquina das aduelas apresenta uma modinatura em toro/escócia que se prolonga no intradorso das mesmas e nas jambas. As impostas que separam o arco das jambas são molduradas por um listel. Este alçado, rematado por empena de duas águas é coroado por uma sineira de dois vãos.

Em artigo publicado em 1924 no periódico *A Águia*, refere-se que a sineira deverá ter sido construída no início

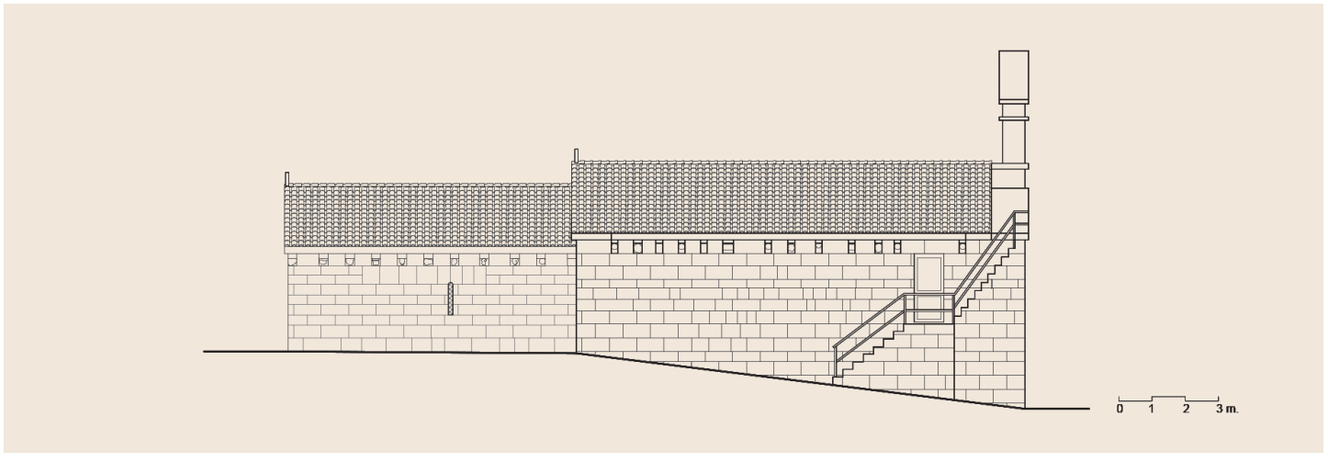


Perspetiva geral da igreja. Alçados norte e oeste



Planta

Alçado norte

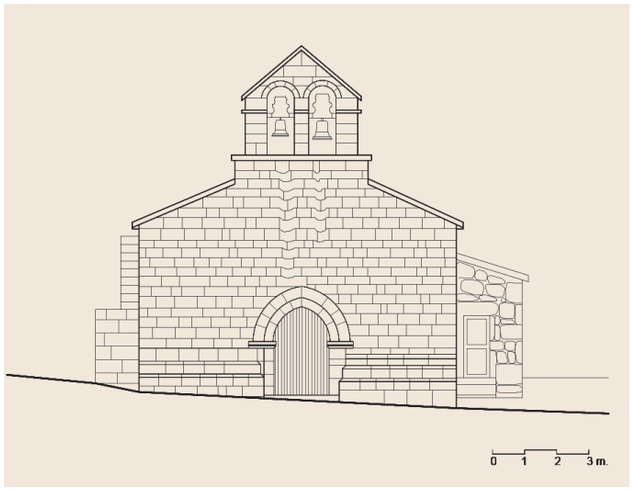


do século XIX, época em que a igreja recebeu obras. Nesta cronologia teria sido ainda alteada a cabeceira e construída a estrutura que dava acesso ao coro alto, cujo vão de entrada, conforme já assinalámos, ostenta a data de 1808.

No interior da cabeceira a parede oriental está totalmente encoberta por um retábulo, atrás do qual se conservam vestígios de pintura mural, provavelmente do século XVI. No alçado sul abrem-se dois vãos de iluminação (posteriores à obra medieval) e um arcossólio de perfil quebrado no qual se conserva uma tampa armoriada de duas águas.

A face interna do arco triunfal apresenta sistemas de encaixe dos eixos de portas medievais, como notou Mário Barroca, o que indicia que a cabeceira pode ter sido utilizada como templo durante um período alargado. A

Alçado ocidental







Alçado sul

Interior. Perspetiva da nave a partir da cabeceira. No primeiro plano a face interna do arco triunfal



Interior. Perspetiva geral a partir do lado oeste



Adro da igreja. Túmulo medieval encuadrado com pedras de pilão provenientes das minas de ouro romanas

acentuada profundidade do muro onde se encaixa o arco triunfal não é comum nas construções românicas.

O alçado externo do arco triunfal de perfil quebrado é composto por um arco interno, uma arquivolta e um arco envolvente que assentam em impostas com modinatura semelhante às das pilastras. No arco interno e na arquivolta pontuam modinaturas boleadas. As aduelas do arco envolvente apresentam um motivo perlado. Os restantes alçados da nave, norte, sul e leste, estão rebocados e caiados, destacando-se unicamente os vãos de entrada dos portais ocidental e sul.

A conjugação entre os alçados dos portais, as cornijas pouco profundas, os cachorros de invulgar solução e o alçado do arco triunfal aponta para uma datação muito tardia. O templo de São Miguel de Tresminas não deverá ser anterior ao século XIV, muito embora a existência de uma igreja anterior esteja documentada desde 1220. Este exemplar deve ser enquadrado entre os vários testemunhos epigonais do românico português. A cultura construtiva românica persiste longamente no tempo, apesar das claras diferenças entre uma igreja românica erguida no século XII e um templo como o de Tresminas.

Segundo Mário Barroca, o sistema de encaixe dos eixos de portas presente na face interna do arco triunfal documenta "um processo construtivo muito dilatado, tendo a sua Capela-Mor funcionado por muito tempo como templo". Os sistemas de encaixe do arco triunfal são semelhantes aos das parcelas equivalentes da igreja de Nossa Senhora do Mileu (Guarda) e da Capela do Divino Salvador da Fraga ou do Santo Cristo da Fraga (Castro Vicente, Mogadouro).

Texto: LCR - Fotos: SVS/CMVPA - Planos: SIPA-DGPC/CMVPA

Bibliografia

[Barreiros, J.B.], 1924, p. 140; Barroca, M.J. e Morais, A.J.C., 1986, pp. 36-37; Barroca, M.J., 2000a, Insc. n.º 485 (da Segunda Metade do século XIII); Costa, A.J., 1959, pp. 269-271; Pmh, Inq., pp. 42-43 (de 1220); Pmh, Leges, p. 565 (de 1213); Redentor, A., 2010, pp. 122, 125 e 144.